

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS NOVAS METODOLOGIAS BASEADAS NAS PRÁTICAS TEXTUAIS

BATISTA, Janaina de Carvalho.
janaina.decarvalhobatista@gmail.com

CARDOSO, Luciana Fátima Santos.
lucianafatima_santos@hotmail.com

MEIRELLES, Claudia de Souza Cardoso (Orientadora).
meirelles.claudia@oi.com.br
Mestranda em Ciências Sociais-UFRN,
Pós - graduada em Metodologia do Ensino de Língua
Portuguesa-FACINTER/PR, graduada em Letras - UCSAL/BA.

RESUMO: Este artigo procura mostrar um novo método de trabalhar a Gramática da Língua Portuguesa de forma contextualizada como regem as novas leis educacionais, trabalhando assim as produções textuais como uma atividade planejada da qual o aluno pode usufruir, dando a ele a oportunidade de desenvolver sua competência discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Contextualizado, produção de texto, gramática tradicional.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS NOVAS METODOLOGIAS BASEADAS NAS PRÁTICAS TEXTUAIS

INTRODUÇÃO

Este trabalho, fruto de uma pesquisa bibliográfica, apresenta não só um estudo acerca de uma nova metodologia apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa que propõe um ensino de língua mais contextualizado a fim de despertar no aluno um senso crítico a partir de uma variação textual, como também a metodologia tradicional abordada por alguns professores que prejudica a aprendizagem dos alunos.

Assim, a proposta é refletir sobre as diferentes abordagens relacionando as concepções de ensino com a metodologia do professor, pois os principais problemas do ensino segundo Perini (1997) são os objetivos mal colocados, a metodologia inadequada e a própria falta de estrutura da língua. Estes por sua vez encontram produções com pequenas estruturas e problemas quanto à organização do esquema textual.

Diante disso a educação precisa criar condições para que o aluno, por meio de exercício da cidadania, possa desenvolver sua competência discursiva. Aos estudantes de Língua portuguesa cabem a:

Oportunidade de crescer linguisticamente, através da prática constante, em aulas que sejam prazer e descoberta, oportunidade de manifestação individual espontânea, em que sem ser reprimido nem humilhado com correções de seus "erros" ele vá progredindo à força de praticar de ser exposto a bons modelos. (LUFT, 2001, p.25-26)

Facilitaria muito no processo de aprendizagem dos alunos, que os professores tivessem consciência da diferença de ensino de gramática o qual se preocupa com conceitos, classificação e regras, do ensino de língua que se propõe a tornar os alunos mais críticos e participativos.

Analisando tais propostas, os alunos teriam oportunidade de interagir com a gramática desenvolvendo seus próprios textos e conseqüentemente o uso das regras gramaticais serveriam como parte desse processo e não como imposição. Para isso, professor e aluno devem juntos construir um saber que seja mais produtivo baseado em exemplos contudentes com a realidade do educando, daí a importância da mediação do professor no ensino - aprendizagem expondo aos alunos os diferentes tipos de textos para que ele possa adequar sua escrita às diversas formas lingüísticas.

Dessa forma, este artigo tem como finalidade abordar uma nova proposta didática que leve para sala de aula um ensino de gramática mais contextualizado a fim de apresentar os diferentes gêneros textuais que valorizem a capacidade criativa dos alunos em comunicação escrita e oral e essas atividades serão apresentadas em projetos que propiciem a troca de informações entre os alunos e professores.

O TEXTO NA PERSPECTIVA DO ENSINO TRADICIONAL

Escrever é o processo pelo qual o indivíduo utiliza, a fim de expressar sentimentos, opiniões e pensamentos. É fazendo uso desse processo que ele consegue estabelecer comunicações com outras pessoas que fazem parte do grupo social do qual ele participa.

Mesmo sendo algo privilegiado pela sociedade, escrever não é uma tarefa fácil. Muitos alunos sentem dificuldades em expressar, por meio da escrita, sua opinião, e quando produzem textos, esses apresentam uma “pequena estrutura e alguns problemas quanto à organização do esquema textual” (BRITO, p. 61, 2003).

Tais dificuldades provêm de uma metodologia falha que busca em textos distantes da realidade dos alunos modelos que já não servem como uma produção escrita

atual, pois esses professores procuram uma literatura fora do contexto que o aluno está inserido, alegando que se uma pessoa deseja escrever bem deveria ser exposta aos grandes escritores do passado que eram considerados “os clássicos da língua”.

Levando em consideração que a língua é heterogênea e está sujeita a alteração, essa explicação não apresenta nenhum embasamento teórico visto que uma metodologia apoiada em textos antigos, utilizando uma linguagem desatualizada, só gera descrédito dos alunos diante da matéria, dando a ele, a impressão de que nunca falará e muito menos escreverá “correto” assim, não é raro encontrar opiniões como “Português é difícil” ou “Eu não sei português”.

Na realidade, na escola, sempre houve a tendência de se isolar a produção textual escrita e a literatura de seus usos efetivos da comunicação, privilegiando a reprodução mecânica de fatos gramaticais, pois considerava-se que o domínio de estruturas gramaticais garantiria uma produção textual escrita proficiente.(BRITO,p.62,2003)

Ao basear suas aulas apenas nas estruturas da gramática, o professor acaba por repetir velhas doutrinas gramaticais deixando as aulas de português numa verdadeira “sessão de tortura” o que não facilita nas produções de textos, pois os alunos sentem-se desencorajados a produzirem uma vez que desconhecem as regras de uma língua da qual ele não usa como também não a fala.

É perceptível aulas descontextualizadas, baseadas ainda em gramáticas tradicionais, partindo ou não de textos. Em geral, não há uma seqüência que pareça lógica ao aluno na exposição e apresentação de conteúdos, isso dificulta que este estabeleça ligações entre o que aprende na escola e o que vive fora dela. Esse é o grande erro em torno do ensino de língua, acreditar que ensinando nomenclatura os alunos estão habilitados para ler e escrever. Caso o ensino de Língua Portuguesa permaneça nessa atitude errônea onde só se decora regras, dificilmente teremos alunos seguros e satisfeitos.

Sendo assim, não é possível concentrar as aulas de Língua Portuguesa em frases soltas em que os professores usam para demonstrar as regras gramaticais, pois elas em nada podem ajudar na competência discursiva do aluno. A ênfase que é dada a esses enunciados acaba por diminuir o valor das demais unidades básicas que são a leitura e o texto.

Segundo as pesquisas realizadas pela professora Irandé Antunes sobre a produção textual nas escolas, constatou-se alguns resultados, entre eles vale salientar:

A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizadas em exercícios de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo são vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem as coisas que têm a dizer. (ANTUNES, p. 26.2003)

Dessa forma quando os alunos interagem com outros há uma idéia lógica de raciocínio e com certeza eles vão construir peças inteiras, ou seja, expressarão com sentido suas intenções, e não mais em frases soltas, agora em textos que apresentam começo, meio e fim.

Antunes (2005) acredita que partindo desse ponto de vista a escola age contrariamente, pois todo esse aparato dado a tais exercícios não leva a nada no crescimento intelectual do aluno.

Assim, é possível repensar as questões envolvidas no ensino e na aprendizagem de Língua Portuguesa. As novas metodologias pressupõem que o reconhecimento que o aluno tem da língua e de sua vivência, são importantes, e cabe à escola aproveitar esse saber para que o mesmo multiplique os seus conhecimentos.

Conforme, Brito (2003):

Em 1998, com o surgimento dos PCNs de língua portuguesa, as teorias propagadas pela Lingüística Textual são retomadas privilegiando um ensino mais voltado para os textos. Segundo os PCNs, o texto é o produto da atividade discursiva oral e escrita. (BRITO, p.64. 2003)

É importante salientar que os PCNs não ditam regras para que os professores sigam, mas expõem metas que têm com objetivo respeitar a realidade sociocultural do aluno. Outra questão em insistir nas práticas textuais seria a de que o aluno trabalhando as tipologias textuais desde cedo não vão deparar-se com extremas dificuldades no ensino médio ao entrar em contato com textos e mais textos decorrentes da exigência dos fatos atuais.

Ainda segundo os PCNs, o grande responsável pelo fracasso escolar é a falta de domínio da leitura e da escrita. Devido às essas questões é que surgiram as propostas de reformulações no modo de ensinar, valorizando a criatividade do aluno. Os PCNs priorizam o ensino renovado, expõem metas de qualidade com o objetivo de formar cidadãos críticos e consciente do seu papel na sociedade.

Infelizmente poucas são as instituições de ensino que prezam o texto com o sendo uma unidade de ensino/aprendizagem, ou seja, “um lugar de entrada para (...) diálogo com outros textos, que remetem a textos passados e que farão surgir textos futuros” (GERALDI, p. 22.2002).

O que se pode perceber são aulas descontextualizadas nas qual o processo de produção textual remete a um dom, ou seja, “escrever bem” é privilégio para poucos, e não a um procedimento que requer uma reflexão, revisão e reescrita.

Esse tipo de produção é perfeitamente descrito pelas pesquisadoras Azevedo e Tardelli no artigo intitulado “Escrevendo e falando na sala de aula” no qual, expõem dois tipos de classificação para a circulação de textos produzidos pelos alunos: a circulação não prevista e circulação prevista.¹ A circulação não prevista, segundo as pesquisadoras, ocorre

¹ É importante frisar que neste primeiro momento será abordada a circulação não prevista.

fora do planejamento do professor. É o tipo de produção que se realiza sem nenhuma seqüência de atividades que possam ajudar os alunos no momento da escrita.

Geralmente essas produções surgem de maneira solta, sem nenhuma vinculação com as atividades durante o processo de aprendizagem.

Vale ressaltar, que essas produções, sem atividades prévias, acontecem quando o professor quer “castigar” os alunos devido à falta de disciplina no decorrer da aula ou por outro motivo qualquer. Dessa forma, não existe uma seriedade no ato da escrita por parte do aluno como também na correção (quando há) por parte do professor, pois este quando solicita do aluno essas atividades textuais costuma priorizar as questões gramaticais e não o que realmente está escrito naquela produção. Logo, o professor torna-se o único capaz de fazer as correções, uma vez que, também é o único que “sabe a gramática”.

A produção de texto na perspectiva do ensino tradicional é vista como algo misterioso, como um dom do qual o aluno jamais será “agraciado”, pois não é dado a ele os métodos necessários a fim de se construir um texto e que esse seja considerado como uma atividade de elaboração da qual fazem parte a reflexão, questionamentos, releitura e como conseqüência uma reescrita do mesmo.

Assim, os alunos encontram os meios mais cabíveis para “dizer o que quer dizer na forma que escolher” (GERALDI, apud, AZEVEDO e TARDELLI, 2002, p.45).

A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO APRENDIZAGEM

Para que uma nova postura no que diz respeito às estratégias de produção de texto como também uma reformulação no ensino de Língua Portuguesa de fato aconteça, é preciso focar naquele que é o mediador e não apenas o transmissor de conteúdos, pois para esse, segundo Irandé (2003) “já não há mais lugar para esse professor simplistamente

repetidor que fica passivo, à espera de que lhe digam, (...) exatamente como fazer, como ‘passar’ ou ‘aplicar’ as noções que lhe ensinaram” (p.36).

Se um ensino enriquecedor é pretendido para o aluno, o qual garanta que ele cresça sendo capaz de se expressar por escrito, é necessário, primeiramente rever e orientar a metodologia aplicada ao ensino de Língua Portuguesa visto que, essa metodologia há muito vem apresentando falhas. Como Perini (1997) já mencionou vale ressaltar a de que os objetivos são mal colocados.

Conforme apresenta o autor, muitos professores garantem aos alunos que estudando gramática eles saberão escrever sem desembaraço, quando na verdade isso não acontece. Perini apontava:

Quando justificamos o ensino de gramática dizendo que é para que os alunos venham a escrever (ou ler, ou falar) melhor, estamos prometendo uma mercadoria que não podemos entregar. Os alunos percebem isso com bastante clareza embora talvez não o possam explicitar; e esse é um dos fatores do descrédito da disciplina entre eles. (PERINI, 1997, p. 50-51)

Diante dessa polêmica de qual seria a melhor metodologia também nos permite refletir qual a importância do professor no processo de ensino-aprendizagem. Atualmente o professor tem um papel de suma importância na sociedade e não basta apenas dominar o conteúdo, mas também está a par de todos os acontecimentos do seu dia-a-dia, como exposições, palestras, “shows”, peças teatrais, ler jornais e está sempre informado do que acontece ao seu redor, para que assim ele possa entender o seu aluno como também assimilar o tipo de linguagem usado por eles, por isso eles desenvolvem “um tipo de comportamento e um conjunto de valores que atuam como forma de identidade” (BRASIL, p. 46, 2000)

O professor tem que está preparado e sujeito a qualquer tipo de atividade para propiciar ao aluno uma aprendizagem que seja proveitosa. Mas qual será o perfil do professor de língua portuguesa?

Para a pesquisadora Maria Teresa Gonçalves Pereira o professor primeiramente deve:

...conscientizar-se de que professor de Língua Portuguesa não é só ser professor de Gramática. É ser polivalente. Por tal, entenda-se, relacionar-se bem com Leitura, Literatura, Filologia, Antropologia, Sociologia, História, Geografia porque efetivamente uma língua viva se funda em tudo isso, é *denominador comum*, é *fator de unidade*, *polariza*, *congrega*, *instiga*, enfim é *agente de cultura*. (PEREIRA, p. 244, 2002)

Fugir da teoria gramatical versada em nomenclaturas deve ser o primeiro passo já que muitos estão imersos em regras e não procuram se atualizar, uma vez que a língua viva está sempre evoluindo e os alunos são os primeiros a discutir essas novas mudanças, pois já vêm para sala de aula com idéias novas, com gírias e neologismos decorrentes da própria contemporaneidade. Dessa forma o professor precisa entender o universo deles e analisar que todas essas questões vão além de suas vontades e a partir disso se faz necessário uma reavaliação do ensino de português, levando em consideração a realidade da língua e do aluno.

Para o professor não é suficiente conhecer apenas o aluno, é preciso que saiba também como funciona o processo de aprendizagem, quais os fatores que facilitam ou prejudicam, como esse pode aprender de maneira mais eficiente, além de outros aspectos ligados à situação de aprendizagem e a sala de aula. Tem que se conscientizar do seu papel e ser polivalente, com habilidades e informado sobre tudo que se passa ao seu redor.

Com isso surge os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa apontando algumas reformulações que perpassam pelo ensino de Língua Vernácula sugerindo aos professores que organizem atividades em torno de projetos.

Em que esses projetos podem ajudar no processo de aprendizagem e na metodologia do professor? Supondo que seja sobre um tema sobre as tradições culturais da comunidade. Diante desse tema o professor pode realizar com os alunos pesquisas sobre os aspectos culturais nos quais podem ser abordados vários outros temas. Assim, o professor sugere ao aluno que discuta o tema como parte tanto para a leitura e produção de textos como também para a análise gramatical. É dessa forma que o professor através desses projetos tem a oportunidade de trabalhar a capacidade criativa do aluno.

Um ponto positivo desses projetos é justamente que o professor trabalha com os alunos, compartilhando suas dúvidas, pois cada etapa do trabalho pode ser analisada, por exemplo, pontuação, concordância, estrutura do texto e outros aspectos. Dessa forma os conteúdos são ensinados de forma criativa e com certeza propiciam ao aluno uma aprendizagem mais condizente com a sua realidade bem como com as exigências da própria contemporaneidade.

Portanto o professor tem que está preparado e sujeito a qualquer tipo de atividade para propiciar ao seu aluno uma aprendizagem que seja proveitosa.

É bem verdade que muitos são conhecedores desta nova visão de ensino e tentam, de uma maneira ou de outra, conciliar os objetivos com o pensamento crítico do aluno. Outros resistem e se negam a mudar a forma de ensinar devido à insegurança, que está ligado ao medo do desconhecido, do novo. Para muitos mestres, esse tem sido um dos principais motivos que impede a mudança no processo de ensino-aprendizagem.

Sabe-se que atualmente não basta punir ou recompensar o aluno para que ele aprenda: que despejar conhecimentos sobre eles também não é o mais importante, que apenas

falar a matéria na aula não é suficiente e que memorizar os conhecimentos para que os utilize na prática também não basta. O aluno está perceptível a tudo e, portanto é indiscutível que o professor domine seu conteúdo e procure passar de forma clara para que o aluno absorva e se sinta atraído pelo ensino. Isso é fundamental, pois hoje não basta despejar conhecimentos, mas ser interativo e dinâmico.

O TEXTO COMO OBJETO DE ENSINO DE UMA METODOLOGIA MAIS CONTEXTUALIZADA

Como já foi descrito em capítulos anteriores a prática de um ensino tradicional no qual o ato de escrever é tido como um dom e que essas atividades são solicitadas sem um trabalho prévio não vem ajudando na competência discursiva dos alunos.

Para que haja uma verdadeira mudança Irandé Antunes (2003) propõe uma série de fatores entre eles, empenho, força de vontade a fim de que a mudança aconteça e, sobretudo, paixão dos professores por aquilo que fazem.

Um ensino de português contextualizado quer que o professor “assuma o papel de especialista, do cientista, do investigador em tempo integral, ocupado e preocupado em levar adiante seu conhecimento dos outros”. (BAGNO, 2005, p.11).

Dessa forma esse tipo de ensino propõe não mais uma repetição de velhas doutrinas, mas sim uma produção de conhecimentos que para construí-los é de suma importância a opinião e o conhecimento de mundo, ou melhor, a gramática que cada aluno trás consigo , a chamada gramática internalizada.

Assim, um aluno que constrói com o professor, o conteúdo que está sendo explanado na sala de aula, com exemplos e exercícios baseados em uma literatura mais

presente em sua realidade, terá mais chances de aprender do que aquele aluno que para assimilar o assunto memoriza-o, só para “se dar bem” nas provas e/ou para passar de ano.

Aprender português, ou como defende Bagno (2005) “Aprender o brasileiro” é muito mais que decorar regras. É se mostrar confiante ao falar e ao escrever. É ajudar o aluno a desenvolver o potencial da escrita através de leituras, comentários e análises de bons textos.

É importante salientar que o ensino de gramática contextualizado não se trata de mais um compêndio de regras gramaticais, mas sim de um método o qual permite ao aluno e ao professor novos modos de ensinar e aprender sem que se reproduzam velhos conceitos.

Nesse método o texto é utilizado como forma de aprimoramento da escrita do aluno. Assunto que os PCNs de língua Portuguesa já está preocupado e com isso vem propagando a idéia de :

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em funções das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escrita de textos. (BRASIL, 1998, p.29)

Um professor só pode verificar as necessidades dos alunos quando os expõe a muita leitura, escrita, e discussão, pois isso só os levará a ler e a escrever bem, sem precisar memorizar regras gramaticais.

Os frutos desse trabalho pioneiro são alentadores: os alunos gostam da aula de Português, escrevem com desembaraço, manejam seu instrumento de expressão com segurança e até com originalidade; e, embora talvez “saibam” menos regras do que os submetidos ao ensino tradicional, saem muito melhor em provas e concursos que testam se o candidato *sabe a língua* e não se *sabe regras* (LUFT, 2001, p.99).

A substituição do termo redação pelo de produção não é um simples capricho de quem quer inserir no contexto de sala de aula o uso de novas terminologias. É muito mais, segundo a professora mestre Conceição Aparecida de Jesus (2002) a substituição desse termo

pretende-se: “Um comprometimento com a idéia de processo de permanente elaboração, para o qual concorrem dimensões extralingüísticas e interdisciplinares. (p. 100)”.

A produção de texto vista sob esse conceito requer dos professores, pesquisas, estudos e principalmente planejamento. Quando uma atividade de produção de texto é planejada a aula torna-se mais agradável e satisfatória não só para o aluno como também para o professor. O estudante começa a perceber que a escrita de textos não é uma questão de dom, mas sim uma série de atividades que “surge de um processo contínuo de ensino/aprendizagem. Essa metodologia permite integrar a construção do conhecimento com as reais necessidades dos alunos.” (SERCUNDES, In GERALDI, 2002, p. 83).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, o que todo professor de Língua, sugeri que uma das formas mais práticas de trabalhar com textos, é através de projetos. Estes dão a oportunidade de o professor contextualizar as regras gramaticais, as práticas textuais e a interpretação O texto dissertativo, por se organizar a partir de esquema textual, tem sido um dos mais privilegiados, pois a sua prática, acredita o professor, pode desenvolver a capacidade do aluno de construir sua opinião, de expor sua criatividade e suas idéias em relação a determinado assunto.

Quando se fragmenta um texto e pede ao aluno a classificação gramatical de determinada palavra nessa frase, o aluno muitas vezes se perde, pois na realidade aprendeu a gramática isoladamente e não no contexto. Dessa forma, Brito (2003) sugere alguns caminhos a serem seguidos pelos professores através de projetos, contextualizando o ensino facilitando a aprendizagem.

Em seu livro PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula são apresentadas sugestões para o ensino, transformando as aulas mecanizadas em aulas mais produtivas. Exemplificando algumas práticas a serem desenvolvidas em sala de aula, utiliza-se por exemplo uma receita típica de bolo. O professor pede que os alunos recolham receitas de

livros, jornais e revistas e em conjunto analisam a estrutura do texto e posteriormente propiciam a troca de informações entre estes e o professor. Essas trocas desenvolvem não só habilidades lingüísticas como também favorecem o estudo gramatical como a pontuação, formas verbais, concordância dentre vários. O professor não precisa explorar todos esses aspectos de uma só vez, pois depende muito do nível da classe e da realidade de cada aluno.

Escrevendo, lendo e discutindo, os alunos têm a oportunidade de compreender melhor a linguagem, impor regras, transmitir e adquirir informações e ainda expressar suas idéias. Ler e escrever não são atividades suficientes nas aulas de língua portuguesa, além da leitura e da escrita o aluno precisa observar, descrever e categorizar os fatos lingüísticos que aparecem nos textos. Espera-se com todos esses requisitos que a prática textual torne uma atividade agradável, formando cidadãos capacitados para o contexto atual do ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o estudo do ensino de Língua Portuguesa buscando novos métodos para a produção de texto trouxe uma reflexão de como tem sido e como poderia ser o ensino de Língua Portuguesa. Este revelou que o ensino no contexto atual, tem sido considerado ultrapassado devido à metodologia utilizada por muitos professores que se prendem ao uso de regras, nomenclaturas e exercícios descontextualizados não proporcionando um novo espaço para que as práticas textuais sejam inseridas em sala de aula.

Preocupados com a situação educacional os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que o ensino seja baseado nos textos em que a participação do aluno e sua criatividade sejam pontos relevantes para proporcionar uma metodologia mais contextualizada. Parece fácil, mas todas as propostas aqui analisadas e incentivadas não são fáceis de serem implementadas

devido alguns professores entrarem em confronto com essa metodologia e apegada à tradicional.

Não se pretende com os argumentos expostos no artigo negar os valores da gramática normativa, até porque é necessário que todos os falantes de uma língua conheçam sua gramática. Todavia, é preciso desmistificar o seu uso inadequado na escola dando ao aluno a oportunidade de evoluir linguisticamente e para isso é preciso que o aluno tenha um contato com todos os tipos de textos a fim de que quando for solicitado pelo professor, ele possa produzir um texto proficiente.

A investigação, através de pesquisas bibliográficas, pôde revelar que a produção de texto planejada permite ao aluno a desmistificação da produção como um dom, mas como um processo que admite várias leituras e com isso a reescrita.

Conclui-se que a gramática normativa apresenta falhas, no que diz respeito aos conceitos e regras por elas expostas, surgindo assim a necessidade de reformulação. A partir dessas mudanças, o ensino poderá contribuir para a formação intelectual dos alunos, e conseqüentemente, uma evolução positiva nas produções de textos proficientes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 3ªed. São Paulo: Parábola, 2005.

AZEREDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. 3. ed. Petrópolis, SP: Vozes, 2002.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: Um convite à pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITO, Eliana Vianna (Org.) **PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula**. 2. ed., rev. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CHIAPPINI, Ligia. (Coord. Geral). **Aprender e ensinar com textos de Alunos**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: Por uma nova concepção de língua materna**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

PERINI, Mário. **Sofrendo a gramática**. In: A gramática que ninguém aprende. São Paulo: Ática, 1997.